

Ideologia e futebol: uma análise sobre a Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES

Ideology and football: an analysis of Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES

Paulo Henrique Innocente da Silva¹

José Pedro Luchi²

RESUMO: Este trabalho pretende investigar a ideologia e as suas significações dentro das torcidas organizadas de futebol. O artigo apresentará a origem do termo ideologia, desde a concepção marxista até a mudança de ótica no sentido de compreendê-la enquanto algo que fornece um sentido para a vida. Em seguida, será apresentado a história do futebol, bem como o surgimento das torcidas organizadas e a maneira como a ideologia se mantém presente nas estruturas futebolísticas que se notam até hoje. Para que se tenha uma melhor compreensão, observamos a Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES, uma torcida que pertence ao Sport Clube Corinthians Paulista, e que tem uma de suas sub-sedes aqui no Espírito Santo e dialogamos com o vice-presidente da torcida em questão. Os resultados apresentados apontam que o entendimento sobre ideologia dessa torcida organizada em específico se resume, para os próprios torcedores, em ser o “décimo segundo jogador” e incentivar o time a todo momento, independente da situação. O observador científico poderia ir além.

Palavras-chave: Ideologia. Futebol. Torcida organizada. Cultura de massas.

ABSTRACT: This work aims to investigate the ideology and its meanings within football organized supporters. The article will present the origin of the term ideology, from the Marxist conception to the change in perspective towards understanding it as something that provides a meaning to life. Then, the history of football will be introduced as well as the emergence of the organized supporters and the way in which this ideology remains present in football structures that are still visible to this day. In order to have a better understanding we looked at “Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES”, a crowd that belongs to “Sport Clube Corinthians Paulista” and which has one of its sub-headquarters here in Espírito Santo and we talked to the vice-president of the crowd under discussion. The results presented indicate that the understanding about the ideology of this specific organized supporters boils down to the supporters themselves as being the “twelfth player” and encouraging the team at all times, regardless of the situation. The scientific observer could go further.

Keywords: Ideology. Football. Organized supporters. Mass culture.

¹ Paulo Henrique Innocente da Silva. Graduando do curso de bacharelado em Filosofia. Centro Universitário Salesiano-UniSales. Vitória/ ES, Brasil. Email: phaullo.enrriki33@outlook.com

² José Pedro Luchi. Graduado em Matemática pela Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes, Filosofia e Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-PUC Minas, Mestre e Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma-Ita. Centro Universitário Salesiano-UniSales. Vitória/ ES, Brasil. Email: luchi-jp@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O futebol se notabiliza, de fato, a partir do século XX quando ele começa a se tornar um esporte ao qual as camadas mais populares da sociedade poderiam ter, com maior facilidade, acesso. O jogo de futebol em si é simples e adaptável a quase todo tipo de realidade, mesmo locais sem a estrita organização ou estruturação para praticar o esporte. Com apenas uma bola e um par de calçados, improvisa-se um lugar para jogar, seja na rua ou qualquer outro espaço. E é por essas e outras características que o futebol se tornou um esporte apaixonante. E é por causa dessa paixão pelo futebol que podemos entender esta modalidade como parte extremamente importante da cultura brasileira. Damatta (1982), por exemplo, compreende que, pelo fato deste esporte expressar o povo brasileiro precisa ter o seu espaço.

A medida em que o futebol se torna um fenômeno esportivo, enquanto esporte de massas, capaz de reunir e entreter milhares de pessoas, ele também se torna um potencial fenômeno mercadológico, capaz de gerar valores exorbitantes. Segundo o relatório final do Plano de Modernização do Futebol Brasileiro (2000) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), onde inclui tanto os clubes de futebol quanto indústrias, patrocinadores e a mídia, cerca de 250 bilhões de dólares são anualmente movimentados através do futebol. E a mídia é uma das grandes responsáveis por tornar o futebol um mercado altamente rentável, um produto de consumo, até para um lazer simples. O futebol se torna consumo ao vender materiais esportivos, equipamentos que auxiliam a melhorar o desempenho durante o jogo, mesmo que esse seja apenas um simples lazer. Nesse sentido, entendemos que a lógica do consumo é um dos ideais presente nas estruturas futebolísticas e que afeta milhares de torcedores.

Porém, no futebol, existe um movimento que buscam ir contra esse tipo de ideal. Esse movimento se chama torcida organizada. Por torcida organizada, nós compreendemos como um

[...] agrupamento que faz a mediação entre o anonimato da condição de indivíduo-torcedor e a indiferença de pertencer à massa torcedora [...] levando consigo as marcas e o ethos de suas respectivas regiões de moradia (TOLEDO, 1996, p. 42-43).

As torcidas organizadas, de certa forma, são um notável grupo de torcedores que nutrem, numa similar intensidade, o mesmo amor pelo clube que defendem. Apesar de serem pessoas normais, que trabalham, estudam e possuem família não compartilham das mesmas características do torcedor comum, mas, compartilhando entre si um mesmo ideal, uma ideologia. Cada torcida organizada afirma ter e caminhar sob uma ideologia que geralmente está associada ao clube ao qual pertence, com suas respectivas características.

Diante disso, pensar a respeito da ideologia através da ótica futebolística e torcedora, tendo como base os aspectos presente na história do futebol e também a realidade do torcedor organizado, é pensar sobre algo que é real e que perpassa não só o esporte em si, mas a sociedade como um todo.

Nesta perspectiva, buscamos compreender o que é de fato a ideologia para o torcedor organizado. Atentando à realidade do torcedor organizado, buscamos,

através desta pesquisa, compreender as aproximações que existem entre ideologia e o futebol.

É notório como as arquibancadas dos estádios ganham vida através dos instrumentos e das músicas, mosaicos e bandeiras arquitetados pelas torcidas organizadas. Mas também é perceptível a atuação das torcidas organizadas para além do futebol, como por exemplo as ações sociais em instituições que assistem pessoas em vulnerabilidade, manifestações políticas e em movimentos sociais e até sindicais.

Sendo assim, se faz necessário este estudo pois entendemos que o futebol é capaz de mover no torcedor uma paixão que impacta na sua conduta e até mesmo lhe fornece um estilo de vida fazendo com que ele se una a um agrupamento de outros torcedores que também sentem a mesma paixão. E, nesse contexto, nos ajuda a refletir sobre o termo ideologia, não como um mero conjunto de ideias, mas, como algo que, é capaz de produzir significações e valores, e também ser algo que apresenta um sentido da vida para quem a assume.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONCEITO E ORIGEM DA IDEOLOGIA

O entendimento a cerca deste termo é de grande complexidade e cheio de significados. Já na Grécia antiga existia uma preocupação em relação as bases do pensamento. Aristóteles, por exemplo, ao formular a teoria das quatro causas, que é baseada na relação de causalidade e efeito, pois para ele “[...] não conhecemos a verdade sem conhecer a causa” (ARISTÓTELES, p.73), e que tem o objetivo de explicar a realidade e as modificações da mesma, de certa forma ele busca também uma maneira de sistematizar o modo ou a forma de conhecimento dos gregos. Esse ponto representa, segundo Chaui (2001, p. 12), o início do pensamento ideológico, pois considera que apesar da tentativa de tornar as ideias independentes da realidade, na verdade não foi possível pois é a realidade que a torna compreensível. Ainda segundo a autora

[...] uma teoria exprime, por meio de ideias, uma realidade social e histórica determinada, e o pensador pode ou não estar consciente disso. Quando sabe que suas ideias estão enraizadas na história, pode esperar que elas ajudem a compreender a realidade de onde surgiram. Quando, porém, não percebe a raiz histórica de suas ideias e imagina que elas serão verdadeiras para todos os tempos e todos os lugares, corre o risco de estar, simplesmente, produzindo uma ideologia (CHAUÍ, 2001, p. 13).

Porém, o termo *Ideologia* propriamente dito surge de fato no período pós-revolução Francesa no início do século XVIII por um grupo que pertencia a uma corrente filosófica sensualista francesa. Essa corrente filosófica defendia que as ideias têm origem nas sensações, percebidas através dos sentidos, como afirma o filósofo Condillac que “[...] é pelo prazer e desprazer que todas as operações da alma surgem progressivamente” (CONDILLAC, 1993, p. 65). Destaca-se, desta corrente sensualista, o filósofo Destutt de Tracy que, em seu livro “Elementos da Ideologia” aborda o termo ideologia com o objetivo de “elaborar uma ciência da gênese das ideias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente” (CHAUÍ, 2001, p. 25).

Este grupo de entusiastas e pensadores da ciência das ideais, os “ideólogos”, apresentam uma forte crença no progresso da ciência enquanto caminho singular para a construção de uma verdadeira sociedade. Os ideólogos franceses eram contra a qualquer tipo de auxílio ou suporte de origem metafísica ou divino que ancora o poder monárquico no religioso. Segundo a filósofa Marilena Chaui,

este grupo de pensadores, conhecidos como os ideólogos franceses, era antiteológico, antimetafísico e antimonárquico. Ou seja, eram críticos a toda explicação sobre uma origem invisível e espiritual das ideias humanas e inimigos do poder absoluto. Eram materialistas, isto é, admitiam apenas causas naturais físicas (ou materiais) para as ideias e as ações humanas e só aceitavam conhecimentos científicos baseados na observação dos fatos e na experimentação (CHAUÍ, 2001, p.25).

Os ideólogos franceses eram contra a monarquia que era vista por eles como uma espécie de enganação entre o poder político e religioso. Ou seja, na concepção dos ideólogos franceses, a monarquia era uma máquina feita com o intuito de alcançar o poder sobre todas as coisas, “uma vez que se dizia que o Rei recebia o poder diretamente de Deus (um poder espiritual absoluto e invisível) e por isso podia exigir obediência total aos súditos, tendo o poder de vida e morte sobre eles” (CHAUÍ, 2001, p. 26). Diante disso, os ideólogos franceses optaram por não reconhecer esse tipo de poder e passaram a ser um ponto de crítica aos monarcas.

Eram, de início, integrantes e apoiadores do partido liberal francês e apoiaram inicialmente Napoleão Bonaparte “pois o julgavam um liberal continuador dos ideais da Revolução Francesa” (CHAUÍ, 2001, p. 27). No entanto, Napoleão com o tempo apresentou um ideal político que divergia dos ideólogos franceses que o apoiaram. Essa divergência se dá por oposição as leis de segurança do Estado entre outras questões de cunho político e econômico. Ou seja, agora os ideólogos o enxergam como alguém que reinstala a monarquia.

A partir daí, o termo “ideologia” passa a ser referido enquanto sentido pejorativo. O discurso de Napoleão ao Conselho de Estado, em 1812, reforçou ainda mais este sentido pejorativo do termo “ideologia” criticando diretamente os ideólogos e os tendo como pessoas de argumentos genéricos e produtores de falácias.

Karl Marx toma conhecimento desse termo quando esteve na França na primeira metade do século XIX. Ele encontra o termo ideologia já na concepção napoleônica. A partir desse sentido de ideologia que Marx vai utilizar em seu livro “A ideologia alemã”. É este o caminho que o termo ideologia percorre: “[...] começa com um sentido atribuído a Destutt, que depois é modificado por Napoleão e, em seguida, é retomado por Marx que, por sua vez, lhe dá um outro sentido” (LÖWY, 1991, p. 12). Nesse sentido, a ideologia apresenta uma nova roupagem atribuída por Karl Marx onde ele a compreende como uma ilusão.

2.1.1 Concepção marxista de ideologia

Na concepção marxista, o termo ideologia recebe uma nova análise. De imediato, pode-se afirmar que Marx não faz a separação entre produção de ideias e as condições sócio-históricas. Logo, as formas e condições da ideologia encontram-se enraizadas por fatores históricos e sociais no qual situam diferentes pensadores.

Assim também determina o pensamento de Marx, pois ele também pensa a respeito do termo ideologia a partir de uma determinada condição sócio-histórica, como afirma Marilena Chaui (2001), que o termo 'ideologia' sob a ótica dos pensadores franceses recebe características jurídicas e políticas, entre os ingleses, porém, evidencia-se características econômicas, já os alemães são, antes de tudo filósofos e concebem o termo 'ideologia' sob a ótica da filosofia alemã, principalmente a partir de Hegel. Sendo assim, é nítido a consideração histórico-social em relação ao termo "ideologia".

O conceito de Ideologia, em Marx e Engels, ganha novos rumos a partir das teorias dos filósofos alemães e sobre o que compreendem a respeito da ideologia. Esses filósofos ou ideólogos alemães (Feuerbach, Bruno Bauer, entre outros), são representantes da filosofia pós-hegeliana. Porém, apresentavam um ponto de partida diferente ao pensamento de Marx e Engels. Para os ideólogos alemães, segundo Michael Löwy,

o importante era o espírito e a luta para mudar a sociedade, era uma luta espiritual, uma luta crítica. [...] Eles acreditavam que criticando as ideias erradas, transformando a consciência, ou a ideologia, ou o pensamento dos homens, transformariam a sociedade (LÖWY, 1991, p. 21).

Sob este prisma, os ideólogos alemães acreditavam que era possível mudar a realidade somente com o poder da crítica e de um pensamento ou de uma mentalidade mudada. Sendo assim, Marx e Engels dirigem críticas a estes filósofos e, afirmam que

Para os jovens-hegelianos, as representações, ideias, conceitos, enfim, os produtos da consciência a que eles próprios deram autonomia. São considerados como sendo as cadeias reais que mantêm o homem agrilhado ao mesmo título que os velhos hegelianos os consideravam como relações reais. Toma-se assim evidente que os jovens hegelianos devem lutar apenas contra estas ilusões da consciência. Como, na sua imaginação, as relações entre os homens, todos os seus atos e os seus gestos, as suas cadeias e os seus limites, são produtos da consciência, os jovens-hegelianos, coerentes consigo mesmos, propõem aos homens este postulado moral: substituir a sua consciência atual pela consciência humana crítica ou egoísta e, ao fazê-lo, abolir os seus limites. [...] esquecem-se porém de que apenas lhe opõem uma outra fraseologia e de que não é lutando contra a fraseologia de um mundo, que se luta com o mundo que realmente existe (MARX; ENGELS, 1974, p. 16-17).

O grande problema em relação aos ideólogos alemães é que deixam em segundo plano a realidade vivida pelos alemães. A teoria destes ideólogos, ao invés de ter o seu ponto de partida na realidade alemã, ela inicia nas ideias para depois chegar na realidade propriamente dita. Ao fazerem isso, não consideram a relação que há entre o mundo material, que é a própria realidade e a produção de ideias. Seria como se nenhum destes filósofos tivessem se lembrado "[...] de perguntar qual seria a relação entre a filosofia alemã e a realidade alemã, a relação entre a sua crítica e o seu próprio meio material" (MARX; ENGELS, 1974, p. 17).

Para Marx e Engels (1974), não é a consciência que orienta e determina o modo de vida, mas a própria vida, a realidade é que determina a consciência. Deste modo, Marx e Engels consideram o pensamento dos ideólogos alemães errôneo e que as "[...] afirmações constituem novas formas de ornamentar a sua pretensão de terem

realizado descobertas de importância histórica quando, de fato, não foram mais do que esclarecimentos insignificantes” (MARX; ENGELS, 1974, p. 17).

Os problemas reais, que afligem a sociedade não se resolvem apenas com ideias, porque essas ideias são, de fato, resultados das diversas contradições reais. Segundo Jorge Larrain,

enquanto os homens, por força do seu limitado modo material de atividade, são incapazes de resolver essas contradições na prática, tendem a projetá-las nas formas ideológicas de consciência, isto é, em soluções puramente espirituais ou discursivas que ocultam efetivamente, ou disfarçam, a existência e o caráter dessas contradições (LARRAIN, 2001, p. 184).

É nesta ótica que a palavra “ideologia” aparece com uma conotação negativa, como uma forma de representação distorcida das contradições. Os ideólogos alemães, ao formularem as suas teorias, expressavam fraseologias que mostravam bem mais os interesses da aristocracia alemã do que o progresso e quaisquer desejos de emancipação, muito pelo fato de não considerar o fator histórico-social. Por isso é que, muitas vezes o termo “ideologia” é visto como “[...] a expressão da incapacidade de cotejar as ideias com o uso histórico delas, com sua inserção prática no movimento da sociedade” (KONDER, 2002, p. 40).

Deste modo, o termo ideologia, apresentado até aqui, é visto como uma espécie de visão deturpada ou inversão da realidade, uma falsa consciência. Não é somente uma ideia que paira sobre as mentes, como acreditava os ideólogos alemães, porém existem razões e fatores sociais presentes na realidade que, de alguma forma, interferem na consciência humana. Marx e Engels acreditavam que o trabalho e a divisão da sociedade em classes antagônicas, são os principais fatores que contribuem para tal concepção a respeito da ideologia. Marx e Engels, sobre estes fatores, explicam que:

A divisão do trabalho só surge efetivamente a partir do momento em que se opera uma divisão entre o trabalho material e intelectual. A partir deste momento, a consciência pode supor-se algo mais do que a consciência da prática existente, que representa de facto qualquer coisa sem representar algo de real. E igualmente a partir deste instante ela encontra-se em condições de se emancipar do mundo e de passar à formação da teoria pura. teologia, filosofia. moral etc. (MARX; ENGELS, 1974, p. 37).

Deste modo, a partir do momento em que o trabalho intelectual recebe autonomia em relação ao trabalho material, a consciência também se percebe autônoma e distante da realidade. Os homens não se sentem pertencentes a suas próprias condições histórico-sociais, muito menos responsáveis por tal produção. Ao contrário, se sentem “criaturas” da realidade, produtos feitos pela existência. E o que é produzido pelo homem, recebe uma impressão de ser algo externo e não produzido pelo homem.

Esse reconhecimento da produção enquanto algo externo ao homem, expressa um fenômeno onde o produto humano recebe uma espécie de poder ou uma força que é capaz de controlar e subjugar o homem. Portanto, segundo Marilena Chauí (2001), existe uma grande aproximação entre ideologia e alienação.

Sendo assim, esta divisão do trabalho e da sociedade em classes, permite a manutenção dos sujeitos em permanecer alienados, não pertencente a realidade em

si e nem ao que produzem. A divisão do trabalho também é uma forma de dividir os interesses do indivíduo e do coletivo, como afirma Marx e Engels:

A divisão do trabalho implica ainda a contradição entre o interesse do indivíduo singular ou da família e o interesse coletivo de todos os indivíduos que se relacionam entre si; mais ainda, esse interesse coletivo não existe apenas, digamos, na ideia, enquanto 'interesse universal', mas sobretudo na realidade como dependência recíproca dos indivíduos entre os quais é partilhado o trabalho (MARX; ENGELS, 1974, p. 39).

Ainda sobre a divisão do trabalho e a contradição gerada por meio dela é que Marx e Engels (1974) vai dizer que esse antagonismo entre interesse coletivo e individual, o interesse coletivo toma proporção de interesses de Estado, e que com isso, se afasta do real interesse tanto coletivo quanto individual, aparentando ser algo ilusório.

Por este motivo, segundo Marilena Chauí (2001), o Estado e a relação entre classes, já aparece para os indivíduos como algo já existente e que determina a maneira como o sujeito se situa no mundo. Desta forma, as condições de vida, e a forma como se vive a vida, aparecem aos homens como algo determinado e estabelecido pela divisão de classes, que aparece como uma ação que resulta e determina a ação dos indivíduos e não o contrário.

Esta relação entre Estado, trabalho e divisão de classes nos permite compreender melhor a relação que existe entre ideologia e alienação. "A ideologia não é um processo subjetivo consciente, mas um fenômeno objetivo e subjetivo involuntário produzido pelas condições objetivas da existência social dos indivíduos" (CHAUÍ, 2001, p. 73). Nesta perspectiva, se o homem é submisso a sua classe, ele não será capaz de se reconhecer enquanto agente contribuidor e produtor da mesma, e não percebem que a sua atividade é algo primordial para a classe.

Então, esta ideologia, fomentada pelos filósofos da classe burguesa, fixa pensamentos que mantem essa dicotomia entre trabalho e classes e a permanência da alienação, que fornece ao homem a ideia de que, por natureza, são diferentes e possuem diversos atributos que demonstram isso.

Sob este prisma, podemos compreender a ideologia enquanto algo que inverte o todo, e a partir dessa inversão, surge uma falsa consciência. Com o mesmo olhar, afirma Francisco Buey, que "a ideologia é um corpo de ideias que aspiram à universalidade e à verdade mais abstrata, mas só representam [...] interesses parciais, particulares, de uma classe social muito determinada" (BUEY, 2009, p. 131).

2.1.2 Ideologia como sentido de vida

A ideologia é um conceito que se faz presente em várias instancias da vida e representa o conjunto de ideais e crenças, valores e religiosidade etc. Enfim, faz parte da maneira como o indivíduo se coloca em sociedade. O fato é que, todo ser humano busca algo para se afirmar, se reconhecer, alguma coisa para se sentir parte ou pertencente, um ideal que norteia e que dará sentido à vida.

O termo ideologia perpassa a realidade humana e, por isso os “[...] interesses sociais que se desenvolvem ao longo da história e se entrelaçam conflituosamente manifestam-se, no plano da consciência social, na grande diversidade de discursos ideológicos [...]” (MÉSZÁROS, 2004, p. 65). Nesse sentido, a ideologia atua em meio a função social dos homens e atribuindo respostas.

Por esse motivo, o termo ideologia sofre algumas transformações em função dos significados que acompanharam e continuam acompanhando os diversos contextos ao longo da história. De acordo com Gramsci (1978), a ideologia é “[...] uma concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas” (GRAMSCI, 1978, p. 16). Ou seja, são expressões e manifestações das classes sociais, e por isso são diversas.

Desse modo, ao observar as variáveis em função do termo ideologia que surgiram ao longo dos tempos, podemos admitir que o ser humano sempre buscou algo em que se ancorar e se reconhecer, uma ideologia para chamar de sua. Na música *Ideologia*, por exemplo, composta por Cazuza e Frejat em 1988, uma variação de temas são abordados remetendo tanto a questões pessoais e existenciais do próprio Cazuza, quanto questões que tocam os problemas presente no contexto do qual se situam. Em um dos trechos da música, nós temos o seguinte refrão: “Meus heróis morreram de overdose”. Tal refrão faz alusão a grande escalada no uso de drogas entre as décadas de 1970 e 1980. Jovens e alguns artistas faziam uso de drogas para buscar outras impressões do mundo. Nesse contexto, era comum o abuso de drogas e por consequência, uma eventual morte por overdose.

Em um outro refrão, temos: “Ideologia, eu quero uma pra viver”. Nesse trecho percebe-se uma certa descrença com o cenário que se apresentava para o cantor. Aquilo em que ele acreditava no passado, um ideal próprio, e pelo qual se propôs a lutar, de certa forma para ele o seu ideal representava uma espécie de utopia, mas agora, no presente, não vê mais sentido ou perspectivas para o próprio ideal.

É nítido o sentimento de frustração do autor da música, e isso nos faz pensar que a felicidade, em certo ponto, também se atrela a ideologia visto que, o fato de pertencer a um determinado grupo e compartilhar das mesmas ideias e do mesmo modo de agir, causa no ser humano um sentimento de realização e felicidade, principalmente quando percebe que os ideais permanecem firmes. O contrário pode acontecer quando as mesmas ideias já não fazem mais sentido ou não se sustentam.

Desconsiderar a existência da ideologia em nosso contexto, seria o mesmo que dizer que não precisa de ideais ou de grupos que compartilham a mesma visão de mundo, ou se colocar como um agente neutro em um mundo bastante diversificado. Porém, na visão de Mézáros (2004), “[...] proclamar o fim da ideologia é em si uma ideologia característica” (MÉSZÁROS, 2004, p. 104). Ou seja, o fato de desconsiderar a ideologia e a sua presença nas estruturas da sociedade, isso por só é uma característica da ideologia.

Prever uma não existência da ideologia ou o fim dela, e até mesmo tê-la sob a ótica negativa é, nesta perspectiva, ignorar parte da realidade que cerca o homem e que o condiciona a ser o que ele é, e não compreender a necessidade que o ser humano

tem de se afirmar em alguma coisa, de ter uma visão de mundo que o guie, uma ideologia.

2.2 Futebol, torcida e sociedade: a gênese de uma cultura de massa

A cultura de massas pode ser compreendida como algo que faz parte da cultura em si, de modo geral. O termo *cultura* é bastante amplo e existem inúmeros conceitos que o definem e que nos permitem entender a diversidade da vida e seu conjunto de crenças, costumes, valores e práticas. Partindo desta compreensão, alguns autores também apresentam diferentes pensamentos acerca da cultura. Horkheimer a define como “os assim chamados conteúdos espirituais da ciência, da arte e da religião, mas também o direito, os costumes, a moda, a opinião pública, o esporte, as formas de divertimentos, o estilo de vida, etc” (HORKHEIMER, 1999, p. 130). Outros autores entendem a cultura como algo fenomenológico e destacam a subjetividade como fator primordial para a formação e interpretação da cultura. De acordo com Heidegger (2002), o mundo é uma representação, e a relação entre sujeito e objeto formam o entendimento sobre o que é cultura, pois, a própria cultura faz a mediação entre o indivíduo e o mundo, e é o que permite dar significado as coisas.

De modo geral, a cultura pode representar comportamentos e padrões de diversos grupos sociais, considerando os costumes e crenças, linguagem, posições hierárquicas etc. Toda expressão de um grupo, que é genuína, preservada e transmitida ao longo do tempo e da história, é referida como cultura autêntica. Ao contrário disso, temos a cultura inautêntica, que são culturas adotadas por influência externa que visa, principalmente, a comercialização. A cultura inautêntica é a cultura de massas, que produz cultura em grande escalada, atingindo o máximo de pessoas possível para gerar lucro.

Adorno (2009) faz duras críticas ao dizer que elementos diversos da cultura estão sendo reproduzidos em larga escala por algo que foge do comum e que não é natural, no qual ele denomina de indústria cultural. Ele argumenta que a cultura se tornou mercadoria em produção de massa com um ideal capitalista. Em suma, compreende a indústria cultural como algo que prejudica e encerra a genuína cultura produzindo-a como uma espécie de mercadoria manipulada.

O esporte em si, e, de maneira mais específica, o futebol, perpassa por esses dois tipos de cultura. O futebol que conhecemos hoje, que é capaz de mobilizar centenas de milhares de torcedores, com grandes clubes e que possuem uma mega estrutura e milhões em investimentos, nem sempre existiu. Na verdade, “[...] resultou de um processo de modificação, poderíamos dizer, de esportivização [...]” (BRACHT, 2005, p. 14), que se dá na história e, ao longo do tempo começou a fazer parte da rotina e do lazer das civilizações, foi regulamentado e algum tempo depois, quando percebem o grande potencial que o futebol tem em mobilizar as pessoas, é nesse momento que a modalidade começa a receber grandes investimentos até se tornar o que ele é hoje. Mas primeiro, precisamos compreender a história do futebol.

A origem do futebol é muito antiga, assim como a história do esporte em geral. Segundo Manoel Tubino (1993), “a história do esporte é íntima da cultura humana, pois por meio dela se compreendem épocas e povos, já que cada período histórico tem o seu esporte e a essência de cada povo nele se reflete” (TUBINO, 1993, p. 12).

Na verdade, é tão antiga quanto a presença da humanidade em todo o cosmos e, nos remete a diversas civilizações e culturas.

Existem diversos relatos históricos que remetem a civilizações antigas e que demonstram a antiquíssima e estreita relação entre o homem e o objeto esférico, a bola. O sociólogo Mauricio Murad (1996, p. 22-23) nos apresenta alguns exemplos:

O Tlachtli, forma ancestral do futebol na América pré-hispânica, surgido entre 1.600 e 1.200 a.C. era considerado o espetáculo do sagrado, pois representava a atualização do combate cosmológico fundamental para a sobrevivência da humanidade. Jogando com uma dura bola de borracha, o jogo representava uma guerra eterna entre a luz e a escuridão. Ao final do jogo, um jogador era decapitado, e seu corpo puxado ao redor do campo, com o objetivo de divinizar o espaço por meio do sangue.

O Calcio, como até hoje é denominado o futebol da Itália, é uma forma ancestral do esporte e um ritual de lazer da nobreza italiana da idade média (século XIV). É jogado em um campo de 120m por 180m, com balizas de madeira nas extremidades e duas equipes com 25 a 30 nobres cada uma. O objetivo do jogo era fazer uma bola de couro, cheia de ar, passar por cima da trave adversária.

Deste modo, percebemos que esta prática milenar, experimentada por diversas sociedades, absorveu variadas formas, símbolos e características, que podem representar tanto a celebração da fertilidade e culto aos deuses quanto demonstrações de força militar. O fato é, que, ao longo de toda a história, o esporte com bola passou por muitas mudanças e significações. Durante o período do século XVIII, já era praticado um esporte conhecido como “Mass Football” ou futebol de massas. Esse esporte se caracterizava pela ausência de regras e por não estabelecer limites de participantes e por permitir o uso da violência como tática para vencer a partida.

Esse caráter violento do esporte com a bola começa a mudar quando chega nas escolas inglesas durante o período de 1840 com a criação de regras. Com isso, criou-se um caráter disciplinador para o futebol, chamando a atenção de educadores fazendo com que implementem esta modalidade nas escolas, pois enxergavam que além de auxiliar na educação dos alunos também era possível utilizá-lo como instrumento para a transmissão de valores.

A Inglaterra atravessava um período importante em sua história, o auge da Revolução industrial, que resultou em diversas transformações econômicas e sociais. Neste período, surgem os grandes centros industriais e um grande fluxo migratório dos camponeses que residiam no interior da Inglaterra. Boa parte desses trabalhadores oriundos do interior inglês, não tinham laços de parentesco e muito menos algum tipo de identidade que os fizesse se sentir pertencente aquele lugar, e ainda assim, entre os operários o futebol foi rapidamente aceito, de forma que, “[...] nas rodas de conversa do operário masculino inglês apenas dois fatos chamavam a atenção de todos: sexo e esporte” (AGOSTINO, 2002, p. 23). Um dos motivos do futebol ter ganho bastante popularidade entre a classe operária seria a potencial característica de estabelecer vínculos e laços, uma identidade coletiva, de aproximar pessoas diferentes e estabelecer entre elas um vínculo de companheirismo.

Com a popularização do futebol, passou a surgir clubes de futebol fundados por operários para disputarem as partidas entre si. Os clubes de futebol representavam

as instituições à qual os jogadores pertenciam, que em sua maioria eram formados por operários que trabalhavam nas fábricas. É nesse contexto que surgem alguns clubes de futebol que, até nos dias atuais, ainda existem e são bastante conhecidos por todos, como o Arsenal football club, que representava uma indústria de fabricação de armamentos e munições.

Portanto, o futebol, além de trazer esse potencial unificador entre pessoas distintas, também serviu como instrumento de lucro, pois, quanto mais se popularizava, mais as pessoas acompanhavam o futebol e até mesmo pagavam para assistir. Os patrões das indústrias e empresários da época notaram esse potencial que o futebol apresentava para gerar lucros e começaram a investir no esporte. Os operários que faziam parte do time Blackburn Olympic receberam, por algum tempo, licença do trabalho para poderem treinar em tempo integral. O resultado disso foi positivo pois, venceram a copa da Inglaterra de 1883. Era o início da profissionalização do esporte, onde o atleta trabalhador vende a sua força e habilidade futebolística para o entretenimento dos fãs do esporte.

O apreço pelo futebol rapidamente começou a se espalhar por toda a Europa e América Latina também. Os ingleses tinham diversas parcerias comerciais em diversos países do mundo e por consequência, conseguia exercer a sua influência na cultura de outros países. Dessa forma, o futebol se torna conhecido em outros países.

Na América do Sul, essa influência da Inglaterra é notável até nos dias atuais. E isso se reflete nos clubes de futebol que foram criados por colonos e demais pessoas que tiveram contato com essa cultura entre o fim do século IX e início do século XX. Nesse período surgem alguns clubes como o River Plate (1901) e o Newell's Old Boys (1903), ambos da Argentina, e o Corinthians (1910), do Brasil.

O Brasil se destaca quando o assunto é futebol. Essa modalidade esportiva chega ao país em um período muito importante. A Proclamação da República era algo recente, 1889, e o país estava em busca da sua identidade enquanto se torna uma nova forma de governo. Economicamente o Brasil vivia um ótimo momento com o café, que gerava grandes lucros, principalmente para São Paulo. Esse contexto favoreceu para a chegada de imigrantes que, além de servirem como mão de obra, contribuíram com suas culturas.

Foi o ciclo da riqueza gerado pelo café que alavancava não só a economia, por meio da industrialização e da entrada de capital externo, como também a vida social, com a entrada de imigrantes e a consequente introdução de hábitos e cultura estrangeiros, no meio dos quais estava o esporte bretão. (GUTERMAN, 2009, p. 14).

Porém um dos personagens que se destaca nesse início do futebol no Brasil é Charles Miller, que estudava na Inglaterra e por lá conheceu o futebol. Ao desembarcar no Brasil, no ano de 1894, trouxe consigo aquilo que, mais tarde, se tornaria um símbolo do brasileiro, a bola de futebol. “Charles Miller não trouxe só as duas bolas. Trouxe também calções, chuteiras, camisas, bomba de encher a bola e agulha. Foi o início desta loucura que é o futebol entre nós” (DUARTE, 2005, p. 20). Ele é apontado como o principal nome que por introduzir o futebol no Brasil e de cunhar no esporte bretão brasileiro um perfil profissional e competitivo.

Neste contexto, São Paulo era uma cidade que recebia inúmeros imigrantes que vinham para trabalhar nas fazendas de café e nas indústrias que estavam surgindo. Dentre muitos desses imigrantes eram ingleses que, por sua vez, a maior parte eram pertencentes a classe média alta e investidores. É a partir dos imigrantes que começam a ter jogos de futebol em solo brasileiro, de forma mais específica, em berço paulistano, como nos aponta Zainaghi (1998) em relatar uma partida que aconteceu entre São Paulo Railwai versus um time chamado companhia de gás.

Até esse momento, a lógica desta modalidade esportiva parecia se repetir da mesma forma de quando foi institucionalizado na Inglaterra: um esporte que, ao mesmo tempo era destinado a classe operária com a missão de fazê-los estabelecerem laços entre si para que se sintam pertencentes ao lugar de vivência, ou seja, o polo industrial, mas também era destinado a classe média alta como uma forma de controle, pois através das regras estabelecidas era possível transmitir valores e ideais próprios, e também era um esporte que tem um potencial enorme de massificação e um ótimo instrumento para o lucro.

Porém, a medida em que se popularizava cada vez mais, essa lógica começou a mudar, principalmente com a criação de clubes com atletas majoritariamente brasileiros e com a criação da Liga Paulistana de Futebol, em 1901. Um dos clubes que surgem nesse período da popularização do futebol fora dos círculos elitistas é o Sport Clube Corinthians Paulista, que hoje em dia ainda é conhecido como “O time do povo”, e é um dos maiores e principais clubes de futebol do Brasil e da América Latina. Esse time foi fundado no ano de 1910, no bairro do Bom Retiro por um grupo de operários. O mesmo movimento acontecia no Rio de Janeiro com o surgimento de alguns clubes também fundados por operários.

O importante é que o futebol vinha deixando de se restringir aos clubes e colégios de elite e passando, progressivamente, a ser praticado por operários e trabalhadores de classes populares, apesar do caráter elitista das ligas. Com o surgimento de equipes em fábricas de subúrbio, como foi o caso pioneiro do Bangu no Rio de Janeiro, formado em 1904, ou com o aparecimento de equipes em bairros proletários, como foi o caso do Corinthians Paulista, em 1910, a prática foi se popularizando e se difundindo como um novo elemento do meio social urbano (PRONI, 2000, p. 103).

Nesse período, o Brasil passava por momentos de intensas transformações econômicas, políticas e sociais. O país é atingido por uma crise na economia, em 1929, em que a exportação do café, principal produto e renda do país, cai de forma significativa causando inúmeros desempregos, e diversas revoltas por todo o país. Arelado a isso, soma-se com o aumento desordenado da população nos principais centros urbanos do país e com isso, as desigualdades sociais se intensificaram.

As desigualdades sociais também eram refletidas no futebol, que vivia uma disputa entre futebol da elite versus a profissionalização e democratização do futebol. A elite não considerava o futebol como uma profissão e por isso não o reconhecia como tal. Porém, a classe popular defendia o futebol como uma forma de se obter uma renda e por isso eram favoráveis a profissionalização do futebol.

Ainda em meados dos 30, com o futebol abrindo as suas portas para os clubes formados por operários e também para os clubes de várzea participarem dos

campeonatos, e já em processo de profissionalização da modalidade, ainda existiam muitas outras lutas em prol do direito de jogar futebol. As questões raciais naquele tempo eram conflitantes. O futebol, apesar da luta pela democratização da modalidade, ainda era considerado um esporte que remete mais à elite e aos brancos e, por esse motivo, havia muita resistência em relação a participação do negro no esporte, ou seja, ainda era considerado um “esporte para brancos”, e por esse motivo “o jogador branco tinha de ser, durante bastante tempo, superior ao preto. Quando o preto começou a querer a aprender a jogar, o branco já estava formado em futebol” (FILHO, 1964, p. 59). Esse contexto começa a mudar quando começam a notar as habilidades futebolísticas do jogador negro. Apesar disso o caminho para o negro no futebol ainda seria muito longo e denso, como exemplifica MAGALHÃES (2010, p. 20):

Algumas histórias ficaram famosas, como o caso de Carlos Alberto, jogador do elitista Fluminense, do Rio de Janeiro, que passava pó de arroz no rosto para disfarçar sua cor, fato que acabou se transformando em símbolo do próprio time carioca.

O percurso da profissionalização do futebol precisou ser longo e extenso. Houve muitas disputas em relação a hegemonia do futebol dos paulistas contra os cariocas, e ao mesmo tempo as ligas de futebol de ambos os estados lutavam para que o futebol pudesse se tornar um esporte profissional. Um momento emblemático e que contribuiria muito para o reconhecimento do profissionalismo do futebol foi a união das ligas paulistas e cariocas em prol do futebol profissional e boicotando a CDB (Confederação de Desporto Brasileiro), que por sua vez, era contrária a profissionalização da modalidade. A liga paulista de futebol, também conhecida como APEA e a Liga carioca de futebol se uniram para criar a FBF (Federação brasileira de futebol), para poder fazer oposição a CDB.

A autora Livia Magalhães narra um fato determinante para o reconhecimento da profissionalização do futebol:

Foi nesse cenário que o Brasil participou da Copa do Mundo de 1934, na Itália. A CBD, ainda sem reconhecer o profissionalismo, decidiu levar apenas esportistas amadores ao evento. Indignados, clubes, atletas profissionais e federações (APEA, LCF e FBF) boicotaram a CBD, decidindo não participar ou apoiar a seleção organizada pela entidade nacional. No último momento, prevendo o que poderia acontecer na Itália, a CBD contrariou a si mesma ao oferecer uma remuneração para que os jogadores profissionais aceitassem estar na seleção. A medida tomada foi em vão: novamente a atuação brasileira foi um fracasso e a seleção foi eliminada logo no primeiro jogo. Os conflitos só tiveram fim em 1937, quando a CBD reconheceu o profissionalismo e absorveu a FBF, no que foi considerado “o ano da pacificação do futebol brasileiro (MAGALHÃES, 2010, p. 25).

A partir desse momento em diante, o futebol começa a evoluir com muita rapidez. A modalidade em questão evolui no modo de jogar, pois surgem “estudiosos da bola” e começam a pensar em padrões de jogadas. O futebol evolui também nas questões estruturais, pois começam a criar estatutos dos clubes e dos atletas, além de investirem na construção de estádios para receber grandes públicos, como por exemplo a construção do estádio do Maracanã, em 1948, que foi erguido com o objetivo de receber a Copa do Mundo de 1950, a primeira Copa do Mundo depois da segunda guerra mundial.

Além de investimentos, o caráter político também começou a ser cada vez mais aparente no futebol. Destaca-se o período da Ditadura Militar, em 1964. A ditadura não foi aceita pelos movimentos populares de forma passiva, que começaram a reagir. Os movimentos que eram contrários à Ditadura foram reprimidos pelo regime. "As liberdades públicas e individuais estavam subordinadas às diretrizes da Lei de Segurança Nacional, o que implicava censura aos meios de comunicação, prisões arbitrárias, torturas e até assassinatos de opositores do regime" (AQUINO, 2002, p. 86).

Como uma maneira de "acalmar os ânimos" e tentar consolidar o regime, alguns aparatos ideológicos começam a ser utilizados. A cultura ganha um papel de destaque no período do regime, pois, se ao mesmo tempo existe uma forte censura em relação a qualquer ato contra a ideologia governamental, por outro lado existe um constante incentivo cultural. O Governo começa a utilizar o futebol como um instrumento para tal finalidade. O futebol era o "palco" ideal para propagar e fortalecer a ideologia do regime ditatorial e levantar a moral nacional. O governo incentivava a participação popular no futebol e buscavam investir em espaços para tal finalidade. O governo buscou também atrelar a sua imagem com o futebol usando a seleção brasileira, que era o seu carro chefe, e contava com a figura do "rei do futebol", Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, entre outros jogadores de renome. A Copa do Mundo de 1970, realizada no México e que teve o Brasil como o grande campeão, foi o auge do governo ditatorial. "O Presidente apareceu na televisão fazendo embaixadinhas, ligou e mandou telegramas para a delegação no dia da vitória [...]" (MAGALHÃES, 2010, p. 68). Era a imagem perfeita do governo associada ao futebol.

Um outro momento muito importante e que acentua ainda mais a política com o futebol foi a "Democracia corinthiana". Um momento histórico importantíssimo não só para o futebol, mas também para a sociedade como um todo. A Ditadura no final da década de 1970 e início da década de 1980 já demonstrava um grande desgaste em sua estrutura governamental. Além de enfrentar uma forte crise econômica, os movimentos populares cresciam cada vez mais e lutavam pela democracia. Nesse sentido, surgem algumas figuras lendárias do futebol e movimentos populares dentro dos clubes.

Nos anos de 1980 as torcidas se manifestam de uma forma mais direta e contundente contra o regime militar. É também o período em que aconteceu o movimento, em todo o Brasil, conhecido como "Diretas já", que pedia a retomada das eleições diretas como forma de eleger o representante do povo, o Presidente do País. É nesse contexto histórico que surge o Movimento Democracia Corinthiana. O Sport Club Corinthians Paulista, clube fundado por operários em 1910 no bairro do Bom Retiro, localizado na zona oeste da cidade de São Paulo, e que traz na sua história uma identidade popular, tinha, nesse período, grandes jogadores e que também se engajavam em movimentos populares. Nos relata a autora:

Incentivados e liderados pelo "Doutor" Sócrates – Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, assim chamado por seus companheiros por ser, além de jogador de futebol, médico – e pelo diretor de futebol Adílson Monteiro Alves, os jogadores (entre eles importantes nomes como Walter Casagrande Júnior e Wladimir Rodrigues dos Santos) e demais profissionais corintianos decidiram que também era hora de colocar

fim ao paternalismo e à rispidez que dominavam o futebol brasileiro e seus dirigentes. Assim, propuseram uma nova relação entre todos: uma democracia (MAGALHÃES, 2010, p. 75).

Embasados na ideia de que todas as decisões necessitam de democracia, os corinthianos viam a necessidade de tornar o futebol um espaço que também seja democrático. A ideia era mudar a lógica das relações trabalhistas entre os atletas e os clubes, incentivando a participação nas decisões a serem tomadas como as questões de concentração antes dos jogos, os horários e quando deveria ser a viagem, etc. Enfim, era dar ao atleta a mesma importância que tem um técnico ou um diretor de futebol.

Os tempos iam mudando, e as manifestações populares surgiam efeitos. Em 1985 acontecia as eleições indiretas, onde participou apenas o colégio eleitoral, e que elegeu Tancredo Neves como Presidente do Brasil. Isso significava que o poder estava sendo devolvido a sociedade civil e saindo das mãos dos militares após 21 anos. Era um gradual retorno da democracia. Em 1986 uma assembleia foi convocada para estabelecer uma nova constituição, que por sua vez foi constituída e entrou em vigor no ano de 1988.

A partir desse momento, a relação entre futebol e política começa a ficar cada vez mais enfraquecida, visto que o governa na nova era política brasileira onde a democracia se estabelecia, não utilizava mais a modalidade enquanto ferramenta política para acalmar os ânimos da população e ganhar apoio. Nesse momento, o futebol começa a estabelecer uma nova aliança: o marketing e o mercado financeiro.

O mundo, nesse momento da história, atravessa por diversas transformações importantes como a queda do muro de Berlim em 1989, a grande crise e a consequente abertura da União Soviética, e o crescimento em grande escala do modelo neoliberal da economia em muitos países. O futebol se adapta a esse “novo mundo”, de uma sociedade que se abre cada vez mais ao consumismo, e se torna um produto, um modo de vendas em massa. Até o “brincar” de jogar futebol se torna um produto. Apesar de que o futebol conserve em si a característica da ludicidade, mas a partir desse momento, é quase inaceitável jogar futebol com uma bola de meia, pois o futebol se joga com uma “bola oficial”.

Os clubes precisavam ser gerenciados na mesma lógica. Precisavam captar recursos e investimentos. Passaram a utilizar cada vez mais a imagem do clube como uma forma de atrair investidores além de vender produtos oficiais. Os clubes passam a contar cada vez mais com dirigentes e executivos para cuidar dessas questões de imagem e administrativas. No final da década de 1990, as associações entre clubes e empresas começam a ser mais comuns, dando início a era dos “clubes-empresas”. Porém, não foi algo bem-sucedido no futebol brasileiro. No estado do Espírito Santo, por exemplo, um clube de futebol chamado Desportiva Ferroviária passou por esse processo, sendo um dos clubes pioneiros no Brasil a realizar tal parceria. Mas a empreitada não deu certo, e o clube colhe os “péssimos frutos” até os dias atuais.

De acordo com a reportagem de Vitor Nicchio ao Globo Esporte-ES, em 2023:

Com receitas em baixa, a Tiva (Desportiva) concretizou, em 1999, um acordo com o grupo Frannel/Villaforte (51% das ações) e teve Marcelo Villa-Forte Oliveira como presidente do clube-empresa Desportiva Capixaba S.A.,

até o final de 2010. O período ficou marcado pela contração de dívidas, rebaixamentos e pela desistência de competições. A sociedade, malsucedida, alterou o escudo da Locomotiva Grená e até hoje aparece como fantasma para os torcedores do time está sem divisão no Campeonato Brasileiro.

Os parâmetros do futebol evoluem com o passar dos tempos. O que antes era apenas um entretenimento, agora é profissão e com grandes investimentos. Mas uma das características imutável deste esporte ainda permanece, que é a capacidade de envolver as massas. O fator espetáculo, vivo e presente no futebol, é capaz de atrair pessoas de diversas realidades e culturas e se manter enquanto paixão nacional. É inegável a beleza e a grandeza deste esporte, mas não se pode deixar de lado a compreensão de que a partir do momento em que se enxergou no futebol um mecanismo de dominação, as classes dominantes começaram a utilizar o futebol para transmitir seus ideais. Seja para manter a disciplina nas escolas e universidades ou para manter a ordem nas ditaduras, até mesmo para manter o trabalhador braçal alegre e feliz como seu trabalho e com os demais companheiros trabalhadores, ou um instrumento de venda e consumo em massa, o fato é que, o futebol é um enorme instrumento para a transmissão e manutenção ideológica nas estruturas da sociedade.

2.2.1 Torcidas organizadas de futebol

O futebol é, sem dúvida alguma, a grande paixão nacional e o grande entretenimento do público brasileiro capaz de “arrastar” milhares de pessoas consigo. Em dias de jogos, uma multidão passa o dia se preparando para quando chegar a hora do jogo. A rotina, muitas das vezes, chega a mudar porque vai ter jogo, e é preciso se “preparar” para esse momento. Em algumas ocasiões as pessoas se juntam para acompanhar o jogo e compartilhar do mesmo apreço pelo “time do coração”. Desse modo, além de conversar sobre o clube e a sua atual situação, também costumam cantar e incentivar os jogadores, e tudo isso acompanhado da tradicional cerveja. É como se fosse um rito, e não seria exagero dizer que o torcedor experimenta o futebol e vive esse momento como se fosse uma espécie de religião.

E a partir desses grupos de pessoas que amam o futebol e a seus clubes é que surgem os movimentos organizados de fãs do esporte ou, como é conhecido na atualidade, as Torcidas Organizadas. De acordo com Luiz Henrique Toledo (1996), esse fenômeno é como uma espécie de ligação afetiva entre o torcedor e o clube, gerando assim um estilo de vida. Essa ligação afetiva ainda continua motivando o aparecimento de novos grupos de torcedores organizados.

Na Europa existem movimentos organizados de torcedores, alguns famosos como os *hooligans* que teve origem na Inglaterra a partir da década de 1960. De acordo com Pimenta (2004), o termo *hooligans* era o nome dado aos grupos de homens e jovens que utilizavam da violência e praticavam atos desordeiros nas cidades. O *hooliganismo*, em pouco tempo se espalhou por toda a Europa criando vários outros movimentos de torcedores fanáticos por seus clubes. Boa parte desses movimentos denominados *hooligans*, apresentam ideais nacionalistas e costumam externalizá-los em vários momentos, principalmente nos estádios durante as partidas de futebol.

Por esse fator, segundo Hollanda (2021), os torna facilmente influenciáveis permitindo uma aproximação com partidos de extrema direita e abraçando a ideologia desses partidos.

A partir do *hooliganismo*, surge um outro movimento similar na Europa, de forma mais específica, na Itália no final da década de 1960. Surge nesse período o movimento *Ultras*, que são conhecidos por se posicionarem em setores mais específicos dentro dos estádios, de forma mais corriqueira nas regiões onde as arquibancadas fazem as curvas (próximo a bandeira de escanteio e mais ou menos nas arquibancadas localizadas atrás dos gols). Os *Ultras* também apresentam uma forte ligação com a política do País. Na Itália, por exemplo, existe uma torcida *Ultra* ligada a equipe da A.S. Roma, cujo nome é Curva Sud Roma e que apresenta uma concepção política mais popular. Por outro lado, existe a equipe rival da A.S. Roma, que é a S.S. Lazio que tem uma torcida que apresenta uma concepção política de direita, e alguns membros desta torcida *Ultra*, cujo nome é Ultra Irridubili, tem ligações com movimentos supremacistas e xenofóbicos. Os dois clubes pertencem a capital romana e, por conta do posicionamento político de ambas as torcidas que são antagônicas, as partidas são sempre marcadas por uma alta tensão e extrema preocupação por parte da segurança local.

Já no continente americano, este movimento de torcedores recebe outros nomes. Aqui nós encontramos as chamadas *Barras Bravas* e as *Hinchadas*. Estes dois estilos movimento de torcedores organizados são predominantes nos países de língua espanhola, como a Argentina, Chile, Uruguai, México, etc, embora existam algumas torcidas no estilo *Barra brava* em algumas regiões do Brasil, mas não é o estilo predominante. Estes grupos surgem em meados dos anos de 1950, e se caracterizam pela festa nas arquibancadas, com uma incrível musicalidade, e a utilização de muitos instrumentos de percussão, como a murga, trompetes, entre outros instrumentos e bandeiras e faixas. Mas também carregam a característica da violência exagerada e envolvimento em esquemas de corrupção que afetam até mesmo o clube no qual apoiam.

Em uma reportagem ao site R7 esportes, encontramos um trecho dizendo que as

“[...] Barras Bravas argentinas combinam apoio fanático a seus times com muita violência, chantagem a dirigentes, ações ilegais (muitas vezes em parceria com cartolas do próprio clube e, das confederações regionais e da AFA, associação nacional), corrupção, consumo e até tráfico de drogas” (MARINI, 2019).

Apesar das semelhanças e dos mesmos problemas, as *hinchadas* se diferenciam pelo fator “festa” nos estádios, e elas são mais comuns nos países do Paraguai e Uruguai, sendo este último apontado, segundo o pesquisador Marcos Américo, como o lugar de origem das *hinchadas*. Ele afirma que:

Foi na torcida do Nacional do Uruguai que surgiu o termo “hinchada”, um nome comum para referir-se às barras. Antes mesmo das barras oficialmente existirem, um senhor comparecia a todos os jogos e não parava de incentivar o time tricolor. Pelo seu costume de inflar (no dialeto platense, “hinchar”) bolas de encher todos os jogos, ele ficou conhecido como o “hincha” - um termo que se espalharia por todo mundo do futebol, especialmente o hispanofono, para designar o torcedor (e “hinchada, torcida). (AMÉRICO, 2012, p.198).

Diferente dos demais países da América Latina onde predomina este estilo das Barras e das Hinchadas, no Brasil este movimento é conhecido como *Torcida Organizada*. Existem algumas divergências sobre o ano e o lugar onde teve origem a esse fenômeno no futebol brasileiro, mas tudo leva a crer que iniciou nos grandes centros do país entre a década de 1930 e 1940. Alguns grupos formados por famílias e amigos iam acompanhar os clubes vestindo camisetas padronizadas. Era o início das torcidas uniformizadas. Um tempo depois, segundo Toledo (1996), surgem as charangas com um estilo diferente do habitual torcedor comum, daquele tempo. Um dos primeiros movimentos do tipo a surgir foi a “Charanga rubro-negra, do C.R. Flamengo, por volta de 1942.

O fenômeno das torcidas acompanhava o ritmo da evolução do futebol. Os acontecimentos entre os períodos de 1960 a 1980 acelerou ainda mais o surgimento das torcidas organizadas nos estádios. No período da ditadura militar, muitos dos jovens viam nas torcidas organizadas um espaço para se manifestarem (TOLEDO, 1996). A partir desse momento, surgem as torcidas organizadas de futebol com um caráter bastante reativo em face do que acontecia naquele contexto, assumindo também uma posição de protestos e manifestações, não somente contra a política nacional, mas também em relação aos clubes de futebol.

A maior Torcida Organizada que existe no Brasil, o Grêmio Gaviões da Fiel Torcida e que pertence ao Sport Club Corinthians Paulista, é um bom exemplo dessas características que extrapolam um simples “apoio” ao clube. Esta torcida nasce em 1969, em um período conturbado na história do povo brasileiro e do S.C. Corinthians Paulista. De um lado, a ditadura militar, e do outro, dentro do próprio clube, existia a tirania do então presidente do time Wadih Helu. Ele ficou conhecido pela péssima administração e por constantes repressões contra a própria fiel torcida. Por esse motivo, a torcida o chamava de “ditador incompetente” (DIAS; FARINA, 2016, p. 7). É nesse contexto que surgem os “Gaviões da Fiel”, para apoiar incondicionalmente o clube, mas também para fiscalizar e reivindicar os direitos da fiel torcida e lutar contra toda a tirania que ameaçasse o S.C. Corinthians Paulista.

Porém, o maior destaque das Torcidas Organizadas são as festas nas arquibancadas dos estádios. Chamam a nossa atenção a maneira como a paixão pelo clube é externalizada, através de músicas, coreografias e instrumentos de percussão, além das faixas e bandeiras que levam o nome da torcida e mensagens de apoio ao clube.

Mas, uma questão deve ser ressaltada. Ao tratar sobre ideologia no contexto das torcidas organizadas, percebemos que cada uma possui uma particularidade em questão, ou seja, a ideologia muda conforme a relação da torcida organizada não somente com o clube no qual está vinculada, mas também com a sociedade em questão, a forma como ela se projeta em referência aos conflitos da sociedade que vive em meio a uma constante onda de violência, se a torcida se posiciona em relação as desigualdades sociais, etc. Todas essas coisas interferem na concepção ideológica da torcida. Afinal, os indivíduos “[...] se encontram permanentemente ligados a um modo de cooperação ou a um estado social determinados [...]” (MARX; ENGELS, 1974, p. 35).

3 METODOLOGIA

Para esta pesquisa utilizamos a metodologia da pesquisa qualitativa pois, esse método não tem como prioridade realizar uma análise por quantidade numérica, mas sim por buscar uma maior compreensão acerca da pesquisa em questão possibilitando uma melhor aproximação sobre as questões que ocorrem em determinado tempo, cultura e local do tema da pesquisa vigente.

A presente pesquisa inicia com uma revisão bibliográfica onde utilizamos alguns filósofos e outros estudiosos que possuem relação com o tema proposto nesta pesquisa. A finalidade é compreender o que é a ideologia para as torcidas organizadas, e, para entender que tenhamos uma melhor compreensão sobre a ideologia, utilizamos as concepções filosóficas de Destutt de Tracy, Karl Marx e Engels, além das impressões de Marilene Chauí acerca do tema da ideologia. No que tange a parte histórica futebolística e das torcidas organizadas, alguns pesquisadores desta área em questão, como Luiz Henrique de Toledo, Lívia Gonçalves Magalhães, além do uso de sites de reportagens esportivas.

Entretanto, é importante frisar que outros autores, além desses citados neste tópico, também compõem o corpo dessa pesquisa. Cada um dos autores contribui para um melhor entendimento acerca da utilização do conceito ao decorrer da pesquisa.

Para uma análise um pouco mais apurada do tema do trabalho com a finalidade de compreender melhor o entendimento sobre a ideologia por parte do torcedor organizado, buscamos observar o ambiente onde se concentra a Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES e dialogar com o vice-presidente da torcida afim de estabelecer um olhar mais apurado sobre as motivações e identidade, relação com o clube para o qual torcem, e por consequência, a sua ideologia enquanto torcida organizada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 DO SURGIMENTO AOS ASPECTOS SUBJETIVOS DA FIEL TORCIDA JOVEM CAMISA 12-ES

Como descrito na metodologia acima, além de recursos bibliográficos, utilizamos também o método da observação tendo em vista algumas questões sobre a torcida organizada e a sua conduta enquanto tal, a visão do vice-presidente em relação a ele próprio como um torcedor, a torcida e os demais membros.

A respeito do surgimento da Fiel Torcida Jovem Camisa 12, é datado, segundo o que nos contou L. D., vice-presidente da Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES, no ano de 1971 devido a divergências políticas no clube. Nesse período, alguns membros saíram do Grêmio Gaviões da Fiel Torcida e fundaram a Fiel Torcida Jovem Camisa 12. Na época em questão, houve uma discordância em relação a que devia ter o apoio da torcida dos Gaviões da Fiel para assumir a presidência do Corinthians. Os gaviões apoiavam Vicente Matheus, que assumiria a presidência do clube nesse ano, enquanto o grupo fundador da Camisa 12 apoiaram Miguel Martinez, outro candidato à presidência do clube. Mas apesar desse início um pouco conturbado, as torcidas organizadas do Corinthians possuem um grande respeito entre elas, bem como a história de cada uma.

Em relação a proximidade entre clube e torcida, L. D. comenta que as torcidas possuem acesso fácil com a diretoria do clube e ela não recebe auxílio e se mantém independente para que assim possa fiscalizar, apoiar ou criticar as medidas que são tomadas pela diretoria do clube. L. D. explica também que alguns membros fundadores já participaram inclusive da política do clube chegando a ocupar alguns cargos, mas ressalta que a torcida em questão incentiva que seus membros participem do processo, tendo participação nas eleições.

De acordo com Vinícius Cotrim (2023), na matéria feita ao site central do Timão em homenagem aos 52 anos da Fiel Torcida Jovem Camisa 12, uma das motivações e objetivos da torcida quando ela surgiu era que “todo corinthiano, seja participante de uma torcida organizada ou não, pode ser considerado um décimo segundo jogador” (COTRIM, 2023). Ou seja, as primeiras impressões que temos a respeito do surgimento desta torcida organizada é a busca por se tornar um elo de identificação entre clube e torcida, como se o torcedor também fosse parte das ‘engrenagens’ do clube e de forma bem expressiva nas manifestações da torcida durante os jogos.

Com o passar dos anos, a Fiel Torcida Jovem Camisa 12 cresceu e é capaz de compartilhar o seu jeito de torcer e incentivar o Corinthians. Além de possuir uma sede na cidade de São Paulo, a torcida possui algumas sub-sedes espalhadas pela capital paulistana, em algumas cidades do interior do estado de São Paulo, e também em alguns estados brasileiros. O estado do Espírito Santo não é a exceção, pois existe uma quantidade bastante expressiva de torcedores corinthianos. E através desses torcedores é que foi criado, aqui no estado do Espírito Santo, uma sub-sede da Fiel Torcida Jovem Camisa 12, no ano de 2008.

Desse momento em diante, a torcida organizada em questão vem reunindo centenas de torcedores para acompanhar e incentivar o Corinthians e despertar um vínculo cada vez maior com o clube. Podemos dizer também que a torcida organizada é um espaço onde podemos construir e estreitar laços com outros torcedores que pensam de forma semelhante e possuem um ideal em comum, a princípio, que é o amor pelo clube. O vice-presidente desta torcida em questão, L. D., ao contar sobre a sua relação com o Corinthians e com a torcida, ele revela que sempre gostou de esporte e desde pequeno é um torcedor corinthiano, mas não teve influência dos seus pais, pois não acompanham o futebol. Ele diz que o amor que sente pelo Corinthians surgiu de forma espontânea e inexplicável. Ele diz que nasceu corinthiano. E isso o fez querer conhecer e participar da Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES, por gostar de acompanhar os jogos com os outros torcedores do mesmo time.

A Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES, se faz presente em solo capixaba já faz dezesseis anos, reunindo diversos torcedores corinthianos. Uma das formas de manter a torcida funcionando é por meio de associados que contribuem tanto financeiramente quanto presencialmente. Esse é, segundo o relato de L. D., um dos principais desafios que a torcida encontra vivendo em território capixaba e, daqui, cerca de 900 Km de distância de onde se localiza o Corinthians. Mas afirma que o amor que o torcedor corinthiano residente no Espírito Santo compartilha do mesmo amor que os corinthianos que moram em São Paulo sentem pelo Corinthians. Periodicamente, a Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES organiza caravanas para São Paulo onde assistem das arquibancadas o Corinthians jogar. Não é todos que conseguem ir, segundo L. D., porque o valor que cada um precisa desembolsar para

conseguir ir na caravana fica em média de R\$ 500. Não são todos os membros que têm condições de arcar com o valor, visto que, o espaço da torcida organizada é frequentado por corinthianos de todas as classes, raças e credo religioso.

Uma outra questão que precisam enfrentar é a relação com as outras torcidas organizadas que também residem no Espírito Santo. Sabemos que existem rivalidades dentro do futebol. As torcidas costumam externar essas rivalidades. Em algumas ocasiões, ocorre enfrentamento entre as torcidas organizadas rivais. Esses enfrentamentos não têm um lugar específico para acontecer podendo ser dentro do estádio, nas divisórias entre as torcidas nas arquibancadas, nos entornos dos estádios, nos terminais de ônibus e metrô, bares, entre outros. Sobre essa questão, L. D. afirma que é preciso ficar atento, mas apesar da torcida estar longe do estado de São Paulo e pelo fato de existir outras organizadas no estado do Espírito Santo que rivalizam com a Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES, a torcida em questão tem o seu espaço em território capixaba, e assim vem se mantendo a 16 anos.

4.1.1 A ideologia da Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES

Conforme o que já abordamos neste estudo, ao pensar sobre a ideologia no contexto das torcidas organizadas, percebemos a sua diversificação. Visto que o “ser torcedor organizado” extrapola o contexto da torcida e se manifesta na vida social como um todo, compreende-se que a torcida organizada significa, para o indivíduo que participa, mais do que um momento, mas, um estilo de vida, uma forma de ser, de encarnar na própria vida a ideologia da torcida.

Dessa forma, o vice-presidente da Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES, L. D., afirma que a ideologia da torcida organizada em questão é cantar, acompanhar, protestar e não obter vantagens do Corinthians pois caminhamos com as próprias pernas. Além de ajudar os associados, fazendo a diferença nas arquibancadas. Tal ideologia vem acompanhada do lema da torcida que é “Coragem e determinação”. Essa ideologia é, de acordo com L. D., é orientada por um estatuto oficial da Fiel Torcida Jovem Camisa 12, bem como todas as ações que devem apresentar enquanto torcida organizada.

Assim como os clubes de futebol possuem símbolos que os represente, como um escudo ou um brasão, por exemplo, da mesma forma as torcidas organizadas também utilizam diversos adereços que expressam determinadas características e a maneira de ser enquanto torcida de um clube. No caso da Fiel Torcida Jovem Camisa 12, chama a atenção a maneira como os símbolos da torcida se relacionam com a ideologia dela própria. L. D. explica que o símbolo da torcida, que foi inventado e não copiado, é um “dozito”, uma caricatura de um ser humano igual a todo torcedor, que “joga” nas arquibancadas e que acompanha sempre o Corinthians para todos os lugares onde for jogar. O dozito veste uma camisa branca e um calção preto, similar ao uniforme de jogo número um do Corinthians, ele também possui uma bola de futebol embaixo dos braços e também possui uma bandeira as mãos, algo que reafirma a característica de “jogador das arquibancadas”. O dozito possui um olhar sempre fixo para o horizonte representando progresso e crescimento. A caricatura possui uma capa simulando um super torcedor e, ao mesmo tempo, uma homenagem a São Jorge que é o Santo protetor do Sport Club Corinthians Paulista

e de toda a sua fiel torcida. O dozito é jovem, que representa o amor pelo clube desde pequeno. A mascote oficial tem um cabelo de coloração amarelo, mas existem outras versões de mascotes com características dos torcedores no geral, para assim representar que a torcida é de todas as raças, sem distinção.

Figura 1 - Símbolo original da Fiel Torcida Jovem Camisa 12



Fonte: acervo de imagens do Google (2024).

Para se tornar um torcedor organizado, é necessário conhecer e vivenciar a rotina da torcida. Um dos métodos que a Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES utiliza para que os demais torcedores possam conhecer e por consequência participar da torcida, é própria convivência. L. D. entende que a ideologia da torcida pode ser transmitida para os outros torcedores presencialmente, a cada jogo do Corinthians, a cada ação, durante as caravanas, e ressalta que quem não estiver de acordo com a ideologia acaba se afastando automaticamente. Mas os que permanecem e acabam participando como membro da torcida se habitua de forma que cria vínculos com os demais membros, como se fosse uma família. Os membros buscam sempre manter uma boa convivência e fortalecer cada vez mais a torcida para que ela continue existindo.

A Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES é a principal responsável por transmitir a sua ideologia a todos os membros. L. D. afirma que todos os que entram na torcida, acaba se adaptando rapidamente a ideologia vigente. E reitera também que as atividades que a torcida realiza costuma extrapolar o contexto de torcida organizada e acaba “atingindo” o torcedor corinthiano comum. Qualquer corinthiano que ame, que é apaixonado, que gosta de viajar e ir aos estádios cantar os noventa minutos, é bem-vindo a integrar a Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES, que segue acompanhado o Corinthians em todos os lugares do mundo com muita “Coragem e determinação”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar um estudo sobre o significado da ideologia para a torcida organizada, tendo como base o entendimento acerca do mesmo termo sob a ótica da Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES, buscamos compreender também outros fatores que cunharam o termo ideologia ao longo da história conforme a sociedade evoluía, bem como os diversos contextos político, histórico e social atrelados ao futebol.

Também buscamos a compreensão de como a ideologia é utilizada e transmitida através das estruturas futebolísticas, podendo assegurar as diversas formas de controle das massas, fomentando principalmente a lógica mercadológica e bilionária do futebol através do mercado financeiro que se preocupa em vender os seus produtos e fazer com que a população no geral consuma.

Também compreendemos que o ser humano age no mundo sempre impulsionado por algo, e busca constantemente o seu semelhante principalmente na forma de pensar e agir. Por isso, também buscamos entender a ideologia enquanto sentido que dá alguma razão na vida. Isso se traduz em várias instancias da vida em sociedade como a religião que seguimos, as causas pelas quais lutamos, etc.

Durante a nossa pesquisa, percebemos a força que a ideologia possui, principalmente para “esculpir” as identidades dos indivíduos que absorve muito daquilo que uma realidade pré-configurada lhes proporciona sem muito espírito crítico.

Essa força da ideologia é vista na torcida organizada em questão. A Fiel Torcida Jovem Camisa 12-ES pertence a um clube de futebol no estado de São Paulo e que tem a sua sede administrativa ou principal localizada na cidade de São Paulo. Por estar, enquanto sub-sede, no estado do Espírito Santo que é um território onde predominam as torcidas do Estado do Rio de Janeiro o território capixaba é um lugar hostil aos corinthianos. Essa torcida se mantém firme a dezesseis anos nesse território e conquistando cada vez mais o seu espaço contando com a participação de centenas de corinthianos que vivem em solo capixaba mas que amam o Corinthians e por isso abraçam a ideologia da torcida e apoiam. Essa torcida de fato faz valer o seu lema: Coragem e determinação.

Mas não deixa de absorver valores e direcionamentos pré-programados num sistema do futebol, nem sempre com o exercício do discernimento e crítica.

6 REFERÊNCIAS

AGOSTINO, G. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

ADORNO, T. **Indústria Cultural e Sociedade**. Seleção de textos de Jorge Mattos Brito de Almeida. Traduzido por Juba Elisabeth Levy et al. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009.

AMÉRICO, M. A irmandade dos excluídos: documentário sobre a Garra Blanca, barra do Colo-Colo. In: Marques, José Carlos, Goulart, Jefferson Oliveira (Org.). Futebol, comunicação e cultura. São Paulo: Intercom, 2012.

AQUINO, R. S. L. **Futebol, uma paixão nacional**. Jorge Zahar Editor Ltda. 2002.

ARISTÓTELES, **Metafísica**. 2ª ed. Ensaio introdutório, tradução do texto grego, sumário e comentários de Giovanni Reale. Trad. Portuguesa Marcelo Perine. São Paulo. Edições Loyola. 2002.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3ª ed. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2005.

BUEY, Francisco Fernández. **Marx (sem ismos)**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CHAUÍ, M. **O que é Ideologia**. 2ª ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 2001.

CONDILLAC, E. **Tratado das sensações**. Trad. Denise Bottmann. Campinas: Unicamp.

COTRIM, V. O décimo segundo jogador! Camisa 12 comemora 52 anos de existência. Central do Timão, 08 de agosto de 2023. Disponível em: [O décimo segundo jogador! Camisa 12 comemora 52 anos de existência](#). Acesso em: 26 de outubro de 2024.

DAMATTA, R. **O universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DIAS, L. A.; FARINA, M.C da S. Preto no branco: A democracia corinthiana nas páginas do jornal folha de São Paulo. Recorde, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-21, jul./ dez. 2016.

DUARTE, O. **Futebol: regras e comentários**. São Paulo: Senac, 2005.

EAGLETON, T. **Ideologia**: uma introdução. Trad. Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. 2ª ed. São Paulo: ed. Boitempo, 2019.

FILHO, M. R. **O negro no futebol brasileiro**. 2ª ed. São Paulo: Civilização brasileira, 1964.

GRAMSCI, A. **A concepção dialética da história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Editora contexto, 2009.

HEIDEGGER, M. **Caminhos de floresta**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

HOLLANDA, B.B de B. **Os estudos do futebol na Inglaterra**: um balanço bibliográfico da produção acadêmica sobre hooliganismo. História da historiografia. Ouro Preto, V. 14, n. 35, 2021.

HORKHEIMER, M. "A presente situação da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisas Sociais". Revista Praga, n. 7. São Paulo, Hucitec, 1999.

KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LARRAIN, J. Ideologia. In: **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LÖWY, M. **Ideologias e ciência social**: Elementos para uma análise marxista. 7ª ed. São Paulo 1991.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**: Crítica da Filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do Socialismo alemão na dos seus diferentes profetas. Vol. 1. Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: editora Presença e Martins Fontes, 1974.

MAGALHÃES, L. G. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

MARINI, E. Quem são os Barras Bravas que serão presos se vierem ao Brasil. R7 esportes, 01 de junho de 2019. Disponível em: [Quem são os barras bravas que serão presos se vierem ao Brasil – R7 Esportes](#). Acesso em: 16 de outubro de 2024.

MÉSZÁROS, I. **O poder da ideologia**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2004.

MURAD, M. **Dos pés à cabeça**: elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação cultural, 1996.

NICCHIO, V. Desportiva Ferroviária 60 anos: Relembre seis momentos da história grená. Globo Esporte, Cariacica-ES, 17 de Junho de 2023. Disponível em: [Desportiva Ferroviária 60 anos: Relembre seis momentos da história grená | desportiva ferroviária | ge \(globo.com\)](#). Acesso em: 14 de outubro de 2024.

RELATÓRIO FINAL DO PLANO DE MODERNIZAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas e Confederação Brasileira de Futebol, 2000.

PIMENTA, C.A.M. **Hooligans**: barbárie e futebol. In: Faces do fanatismo. São Paulo: Contexto, 2004.

PRONI, M. W. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Editora UNICAMP, 2000.

RAMOS, R. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1984.

TOLEDO, L.H. **Torcidas Organizadas de Futebol**. São Paulo: Ed. Vozes, 1996.

TUBINO, M. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

ZAINAGHI, D. S. **Os atletas profissionais de futebol no direito do trabalho**. São Paulo: Editora LTR, 1998.

